

## ASPECTOS GERAIS DA DINÂMICA IMIGRATÓRIA NO BRASIL NO SÉCULO XXI<sup>1</sup>

**Roberto Rodolfo Georg Uebel**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pesquisador do Laboratório Estado e Território - LABETER/UFRGS e Laboratório de Estudos Internacionais - LEIn/UFSM

roberto.uebel@ufrgs.br

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo.

## Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI

### Introdução

O tema que se apresenta para este artigo decorre das transformações e repercussões do cenário socioespacial contemporâneo do Brasil face às transformações demográficas, econômicas e políticas no espectro maior do cenário global.

As imigrações internacionais para o país vêm ganhando singular destaque desde que Bacha e Klein (1989) apontaram o ano de 1985 como divisor de águas nas relações do Brasil com as escalas globais (articuladas em rede) em diversas questões setoriais, como desde o início da abertura à democracia no país como a nova caracterização do território brasileiro para o recebimento de imigrantes estrangeiros.

As razões que levaram a este deslocamento de pessoas em crescimento verificado ao longo das últimas três décadas foram motivadas especialmente pela própria transformação das relações e escalas a nível internacional, tendo-se, por exemplo, questões de conflitos étnicos e civis, desastres naturais, condições econômicas e laborais como repercussões e “fomentadoras” de tal processo em uma escala global, que se relacionam em uma escala nacional com questões do uso do espaço brasileiro (tanto de corte social como territorial-geográfico), fronteiras e política setorial de imigração com repercussões territoriais e, diretamente, nas escalas regionais com questões de trabalho, assistência social e outras temáticas pertinentes à imigração.

Estas escalas e redes relacionam-se dentro deste cenário, mais recentemente descrito pela obra *Perfil Migratório do Brasil 2009*, de autoria do MTE do Brasil com a Organização Internacional para as Migrações (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2009), que em relação com o referencial teórico e literatura recente sobre o tema, fornecem-nos lacunas a serem estudadas para respondermos questões importantes sobre este novo e contemporâneo panorama (cenário) das imigrações internacionais para o Brasil e seu perfil socioespacial, considerando principalmente seus atores e cenários regionais, que por meio destas escalas e redes, permitem compreendermos as questões locais/regionais que levam a uma inferência sobre a sua situação em nível nacional.

Inserido nesta seara das novas migrações internacionais, o Brasil, que recebeu perto de cinco milhões de imigrantes entre 1819 e fins da década de 1940 (SANTOS, 2010) e posteriormente estagnou e recebia apenas refugiados judeus, sírios, libaneses e palestinos em sua maioria, vem apresentando nas últimas duas décadas, com enfoque especial nos Censos de 2000 e 2010, realizados pelo IBGE, um crescimento expressivo no número de imigrantes legais, *ilegais* e

refugiados. Estes escolhem o país por distintas questões, porém, com distinção especial às oportunidades de trabalho, ainda que sejam análogos à escravidão em alguns casos (RANINCHESKI; UEBEL, 2014).

Portanto, neste artigo buscaremos apresentar o panorama imigratório no Brasil após o ano 2010, com enfoque nos dados fornecidos pelo IBGE, DPF e MTE, que foram compilados e cartografados para termos uma expressão real do *outlook* imigratório brasileiro, que apresenta até o primeiro semestre de 2014 um estoque<sup>2</sup> de quase dois milhões de imigrantes.<sup>3</sup>

## 1. Variação da imigração no Brasil entre 2000, 2010 e 2014

Como ponto de partida para esta seção, optou-se pela análise gráfica e cartográfica da variação do número de imigrantes e sua proveniência com base nos dados estatísticos oriundos dos recenseamentos de 2000 e 2010, dados anuais (de 2007 a 2014) da Polícia Federal e Conselho Nacional de Imigração (órgão pertencente ao MTE) e dados compilados para o primeiro semestre de 2014, posto que a contagem de imigrantes no Brasil é realizada majoritariamente por três órgãos federais: Ministério do Trabalho e Emprego, DPF e IBGE.

Decidiu-se pela exclusividade de análise dos dados destes três órgãos em virtude da não mudança das suas metodologias de contagem, bem como por possuírem dados para todos os países e territórios, ao passo que os outros demais órgãos possuem estatísticas restritas apenas para países-membro da Organização das Nações Unidas e em sua metodologia colocam na mesma categoria imigrantes não documentados, refugiados, apátridas, estrangeiros registrados e residentes temporários, o que dificultaria uma análise precisa, em virtude da variação acentuada do ingresso e partida destes grupos.

Portanto, utilizar-se-ão as definições de imigrante de Rosière: *“Populações ou comunidades imigrantes são compostas por indivíduos que migraram para um Estado diferente daquele em que se originam”* (ROSIÈRE, 2007, p. 339, nossa tradução) e com a condição de registrados e contabilizados pelos três órgãos e suas metodologias, a fim de evitarem-se prejuízos às inferências da pesquisa.

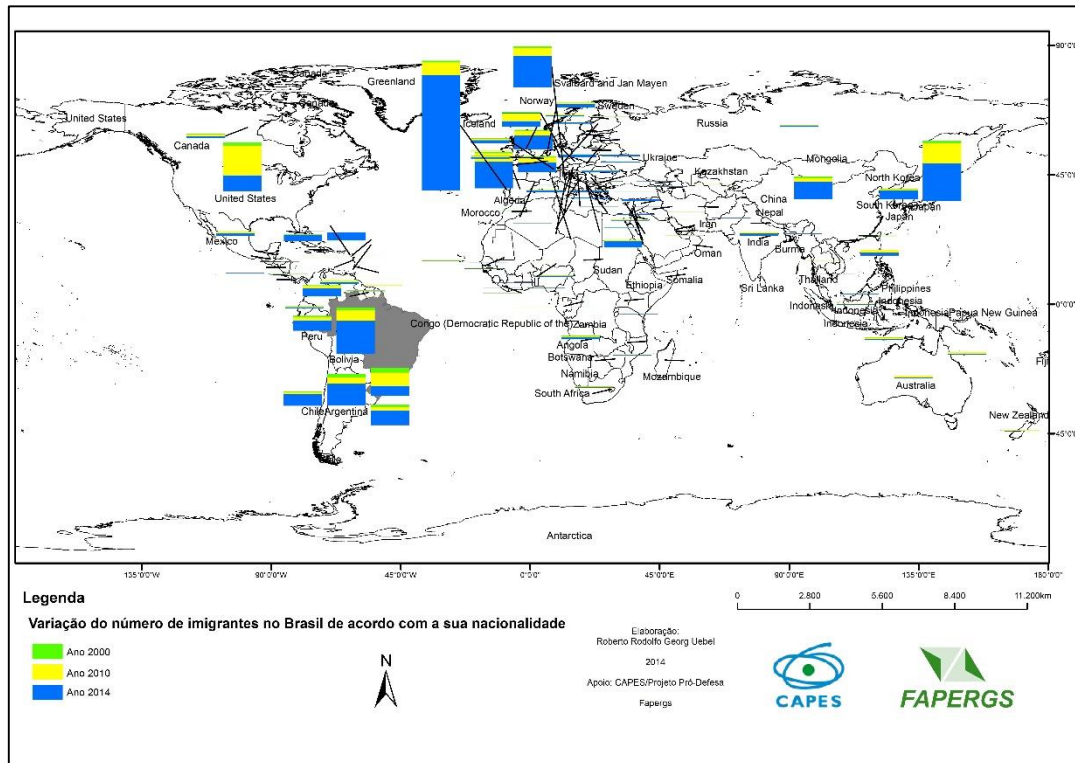
Logo, com base nas tabelas estatísticas de recenseamento de estrangeiros para os anos de 2000, 2010 e 2014, construiu-se à luz da classificação de estrangeiros, o seguinte documento cartográfico (Mapa 1) que mostra a evolução, por país de origem, do número de estrangeiros existentes no Brasil:

---

<sup>2</sup> Por “estoque imigratório” compreende-se o número total de imigrantes no território em análise, em dado período de tempo, isto é, um saldo imigratório ou *grossa modo* o número total de indivíduos imigrantes.

<sup>3</sup> Estes dados foram obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação. Todos os dados foram tabulados e compilados pelos autores. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/sh/fg7dq7xq6gj2049/AAC0bhS-eurv0vpTHSeBfIta?dl=0>>.

**MAPA 1 – Variação do número de imigrantes no Brasil de acordo com a sua nacionalidade – 2000/2010/2014**



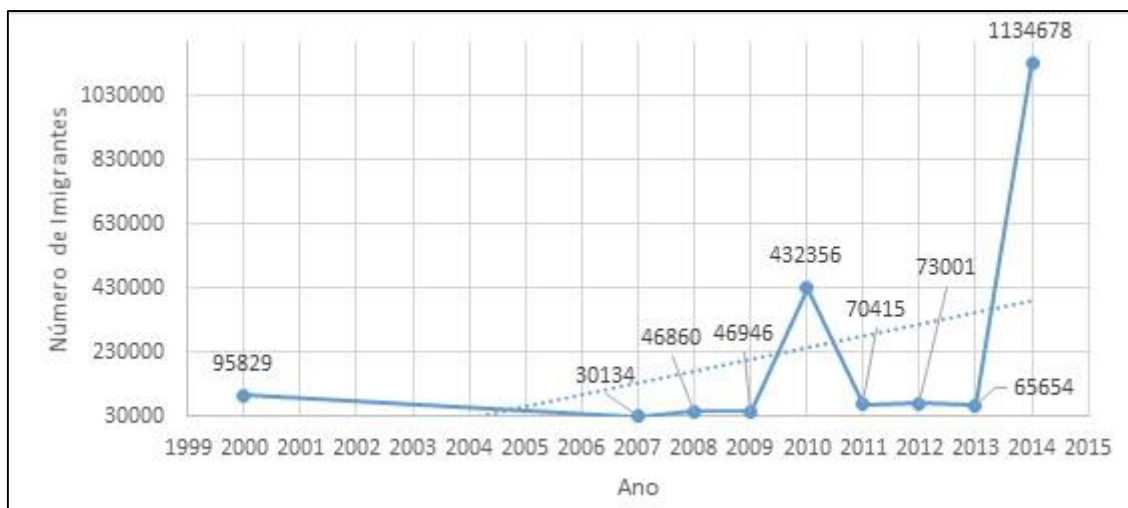
Fonte: Elaborado pelo autor.

Este primeiro mapa apresenta os direcionamentos e concentrações dos países que mais enviam imigrantes ao Brasil, em especial aqueles localizados na América do Sul, na Europa Ocidental – em especial os PIIGS<sup>4</sup> – e Estados Unidos, China, Coreia do Sul, Japão, Haiti e Angola e outros. O documento ainda corrobora as teorias contemporâneas de que as imigrações não são mais restritas ao movimento norte-sul, mas também enfatizam fortemente as migrações sul-sul, em especial no caso Bolívia-Brasil e Angola-Brasil.

O Gráfico 1 representa a evolução da série histórica do número de imigrantes no Brasil a partir do ano 2000:

<sup>4</sup> O grupo dos PIIGS é formado por Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha – países com situação econômica mais crítica na zona do Euro e que apresentam elevado número de imigrantes no Brasil após a crise econômica europeia de 2008.

**GRÁFICO 1** – Série histórica do número de imigrantes no Brasil – 2000;2007-2014

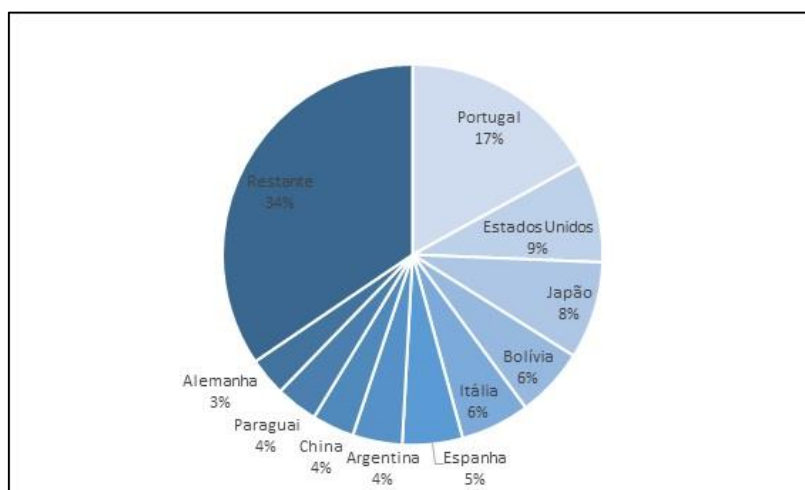


Fonte: IBGE; Departamento de Polícia Federal e Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

Podemos observar neste Gráfico 1, portanto, que ao invés de seguir uma linha de tendência com crescimento contínuo – linha pontilhada – o país experimentou um primeiro *boom* migratório a partir de 2010 com posterior declínio e um segundo *boom* no biênio 2013-2014, muito acima das projeções estatísticas, o que refuta neste primeiro momento a hipótese de que o país passaria por uma “*ciclicity*” migratória, ou seja, ciclos de imigração como os que ocorreram na primeira metade do século XX.

A representação gráfica (Gráfico 2) a seguir das dez maiores concentrações migratórias no Brasil no período que vai de 2007 até o primeiro semestre de 2014, sintetiza a participação dos principais grupos migratórios na composição populacional do país:

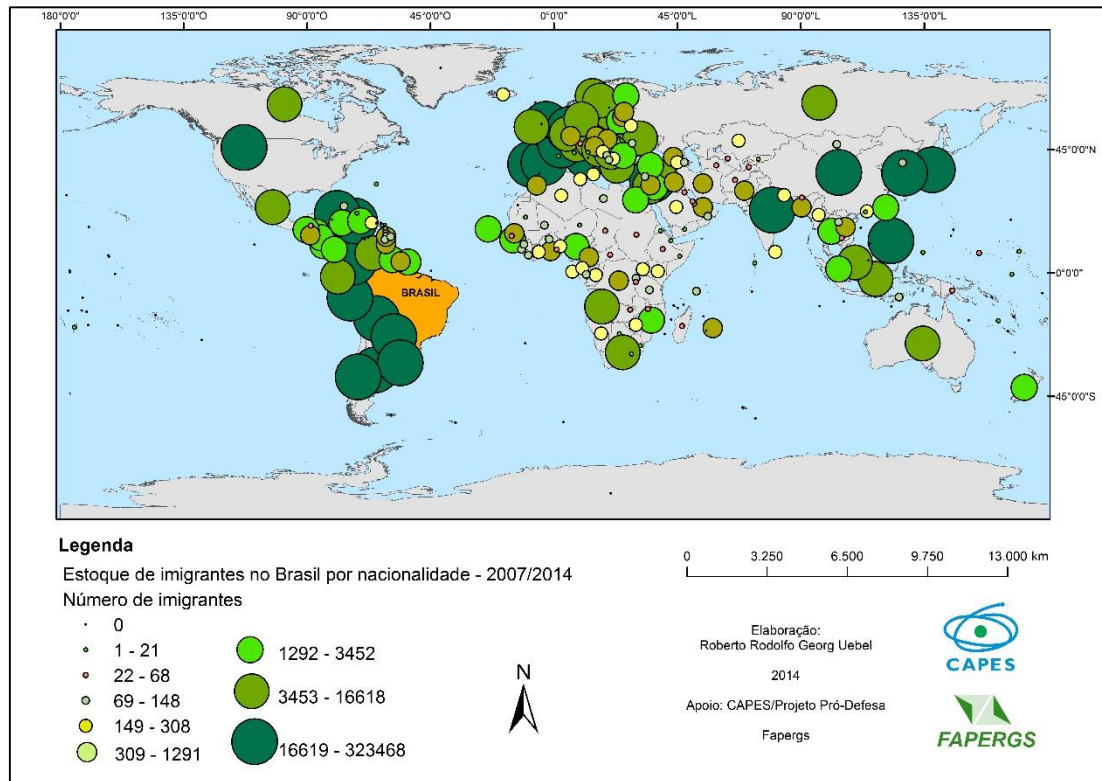
**GRÁFICO 2** – Representação percentual dos dez maiores grupos migratórios no Brasil - 2007/2014



Fonte: IBGE; Departamento de Polícia Federal e Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

No cômputo total do estoque de imigração no Brasil, os dados apontam que havia no período de 2007 a 2014 um número de 1 milhão e 900 mil imigrantes – mais precisamente 1.900.044 cidadãos imigrados – no país, superando-se as cifras que então eram estimadas pelo próprio governo e pela imprensa na casa dos 600 mil cidadãos imigrantes. O Mapa 2 traduz a origem destes imigrantes dadas as suas nacionalidades:

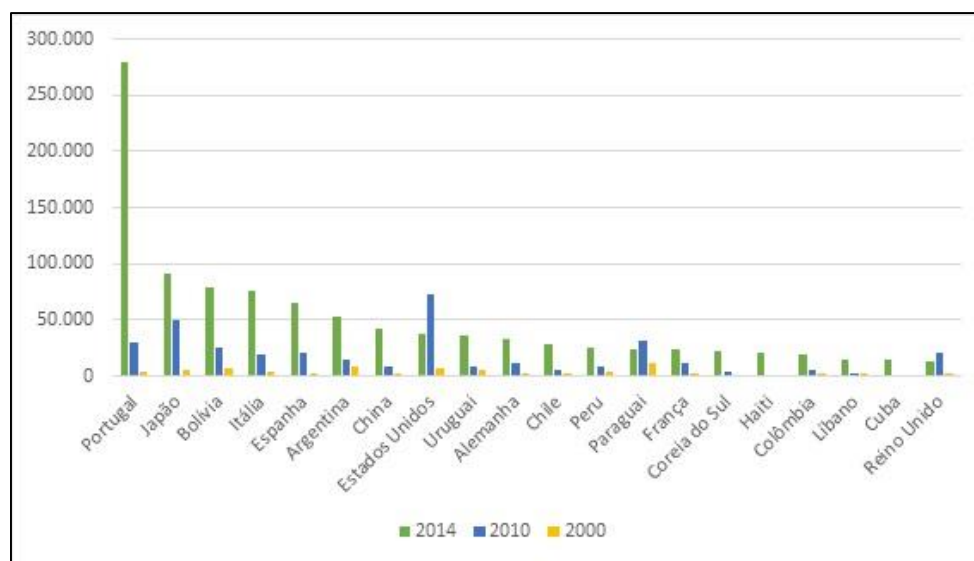
**MAPA 2** – Estoque de imigrantes no Brasil de acordo com a sua nacionalidade – 2007/2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

A propósito de auxílio instrumental na inferência das variações estatísticas de imigrantes, elaborou-se o Gráfico 3 com o ranking das vinte nacionalidades de imigrantes e sua evolução, tendo como base de comparação o ano de 2014 em relação aos anos de 2010 e 2000:

**GRÁFICO 3** – Variação de imigrantes no Brasil por nacionalidade - 2014, 2010 e 2000



Fonte: IBGE; Departamento de Polícia Federal e Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

Essas vinte maiores diferenças apontam para uma mudança na própria multipolarização econômica e estrutural que já apontava no início da década passada uma projeção maior da inserção do Brasil na agenda internacional, atraindo imigrantes para cargos especializados com forte exigência de mão de obra qualificada, que durante o decênio não apresentou crescimento considerável interno no Brasil para suprir estas carências, o que justifica o expressivo aumento do número de imigrantes portugueses, japoneses, italianos, estadunidenses, britânicos, alemães e de outras nacionalidades reconhecidamente formadoras de mão de obra qualificada e que sofreram com a crise econômica no período analisado, gerando desemprego em seus países.

Estes países, notoriamente conhecidos por sua mão de obra altamente qualificada e por serem sede de grandes centros de tecnologia e inovação, acabam participando de um fenômeno de *mass migration* explicado por Hatton e Williamson (1998), que exporta o excesso de profissionais para países em ascensão na agenda internacional de comércio, indústria e investimento em serviços, o caso do Brasil. Portanto, não surpreende que justamente estas nações sejam apontadas como aquelas que mais cresceram no ranking de envio de imigrantes ao território brasileiro.

Outro grupo de importante expressão nesta listagem é o grupo de vizinhos ou países próximos ao Brasil, sendo estes Bolívia, Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Colômbia e Paraguai, que caracterizam a coletividade de cidadãos de países que buscam no Brasil, um *middle* ou *regional power*, de acordo com a literatura de Relações Internacionais, melhores condições sociolaborais que não encontram em seus países de origem, mesclados por oportunidades laborais qualificadas. Entretanto, estes grupos se diferenciam por distintas ordens: as redes fronteiriças são compostas por fluxos de diversas ordens (econômicos, culturais e políticos). Esses diversos níveis de

mobilidade variam de acordo com as classes sociais, os produtos e as informações (BÁRBARA, 2005).

Nesse sentido, ainda que Paraguai, Argentina e Bolívia sejam próximos, por exemplo, as motivações de imigração dos cidadãos destes países são diferentes num contexto sob a escala local-regional, e similares quando numa análise escalar geográfica internacional.

Tal fenômeno é observado nas peculiares situações dos imigrantes bolivianos e argentinos em São Paulo, por exemplo. Ao passo em que o crescente número de bolivianos, nacionalidade que apresenta o quinto maior crescimento de imigrantes no Brasil, subjugados em sua maioria ao trabalho quase escravo em confecções têxteis, os imigrantes argentinos estão cada vez mais inseridos em trabalhos que demandam profissionais qualificados, por exemplo, nos setores de energia e finanças.

Um terceiro grupo de destaque nesta variação decenal é o conjunto de países formado por Portugal, Espanha e Itália, nações que sofreram com a forte crise de desemprego e estagnação econômica no período e que, por possuírem laços históricos de imigração com o Brasil, tornaram novamente o país – em fase de crescimento e expansão econômica mesmo nos períodos de crise cíclica – atrativo para profissionais qualificados e semiquilificados. A literatura chama à atenção a questão de que estes estão entre os países que também mais recebem imigrantes brasileiros, em sua maioria ilegais, e que causa uma contraposição de situações, a ser analisada mais adiante nesta pesquisa.

Por fim, o último país que merece destaque neste rol de maiores diferenças positivas é o Haiti, que segundo dados estatísticos ratificados do IBGE, não possuía nenhum estrangeiro com status de imigrante no Brasil no ano de 2000 e em 2010 já contava com 175 imigrantes e em 2014 os dados oficiais apresentam a estimativa de 20.108 imigrantes, contudo, a mídia e órgãos de atenção aos imigrantes haitianos estimam cifras maiores.

A situação do Haiti difere-se dos três demais grupos, que em sua maioria estão ligados às motivações econômicas e laborais para o ato de imigrar, em virtude de o país estar em guerra civil desde o fim do século passado e a ocorrência de um terremoto em janeiro de 2010 que matou aproximadamente 200 mil pessoas, segundo estatísticas oficiais, e desabrigou, não apenas no sentido original da palavra, mas também de forma social e econômica mais de um milhão de habitantes, que encontraram no Brasil a oportunidade de um recomeço social que os demais vizinhos do país não proporcionariam.

Em virtude de a imigração em massa de haitianos ter começado em 2010, segundo estimativas não oficiais de pastorais de imigrantes, consulados e órgãos da sociedade civil, haveria no primeiro semestre de 2013 em torno de 25 mil imigrantes haitianos, em sua grande parte não



autorizados ou sem assistência oficial do Estado brasileiro e cerca de 50 mil imigrantes em 2014, ou seja, o dobro do que as estatísticas oficiais apresentam.

Os números apresentados nesta seção, portanto, demonstram-nos fortemente que uma das hipóteses centrais está correta, a de que a imigração de haitianos e senegaleses para o Brasil e, por conseguinte, para o Rio Grande do Sul, destaca-se não pela sua expressividade numérica, mas sim por outros fatores, tais como destaque midiático, etnia, cor, visibilidade social, xenofobia e etc. Afinal, a diferença do número de imigrantes como portugueses, estadunidenses e japoneses para os haitianos e senegaleses é extremamente considerável, porém, pouco destacada, o que analisaremos ao longo da pesquisa, inclusive, esmiuçando os dados estatísticos.

## **2. Perfil migratório do Brasil no ano 2010: o País do *Boom* Migratório**

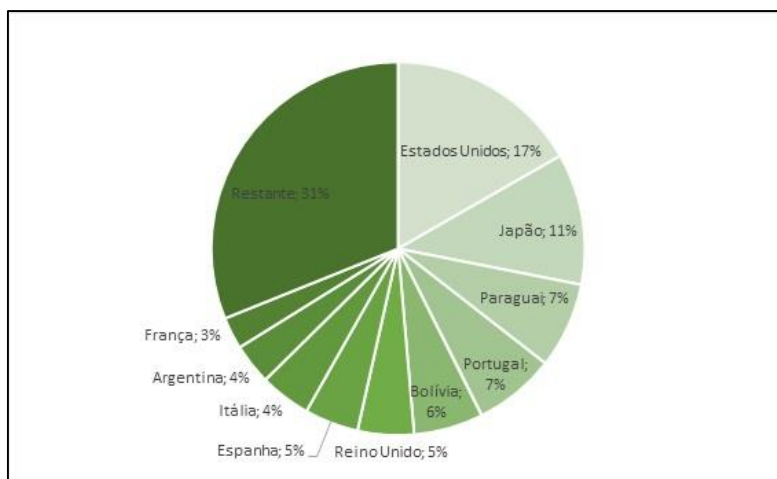
Com a passagem de uma década de fortes transformações geopolíticas, sociais, econômicas e culturais no cenário internacional, mais acentuadas pelas ações terroristas que se sucederam desde 2001 e inúmeros conflitos em distintas partes do mundo e em concordância com a crise econômica internacional do triênio 2008-2009-2010, arguimos uma mudança considerável no panorama das migrações internacionais com destino ao Brasil, contabilizando à época um estoque de 432.356 imigrantes (0,23% da população total do país, 4,5 vezes maior que o número registrado no ano 2000).

O número de imigrantes no Brasil torna-se ainda mais significativo quando consideradas as estatísticas de outros países que historicamente recebem mais imigrantes que o Brasil *exempli gratia* os Estados Unidos da América, que para o mesmo período (entre os anos de 2000 e 2010) apresenta um crescimento de apenas 23,97% no número de imigrantes,<sup>5</sup> enquanto no Brasil chega-se a um crescimento de 451,18%, corroborando a hipótese de que as mudanças na macroestrutura conjuntural do país nas áreas de infraestrutura, construção, tecnologia, inovação e serviços é que tornaram atrativa a vinda de imigrantes estrangeiros e, portanto, reconfigurando a composição dos grupos de imigrantes no Brasil de acordo com suas nacionalidades, conforme o Gráfico 4.

---

<sup>5</sup> Com base nas estatísticas do “*Yearbook of Immigration Statistics: 2012*” do Department of Homeland Security dos Estados Unidos da América que podem ser consultadas neste sítio: Disponível em: <<http://www.dhs.gov/yearbook-immigration-statistics-2012-legal-permanent-residents>>. Na tabela “*Persons Obtaining Legal Permanent Resident Status: Fiscal Years 1820 to 2012*”.

**GRÁFICO 4** – Representação percentual dos dez maiores grupos imigratórios no Brasil no ano 2010



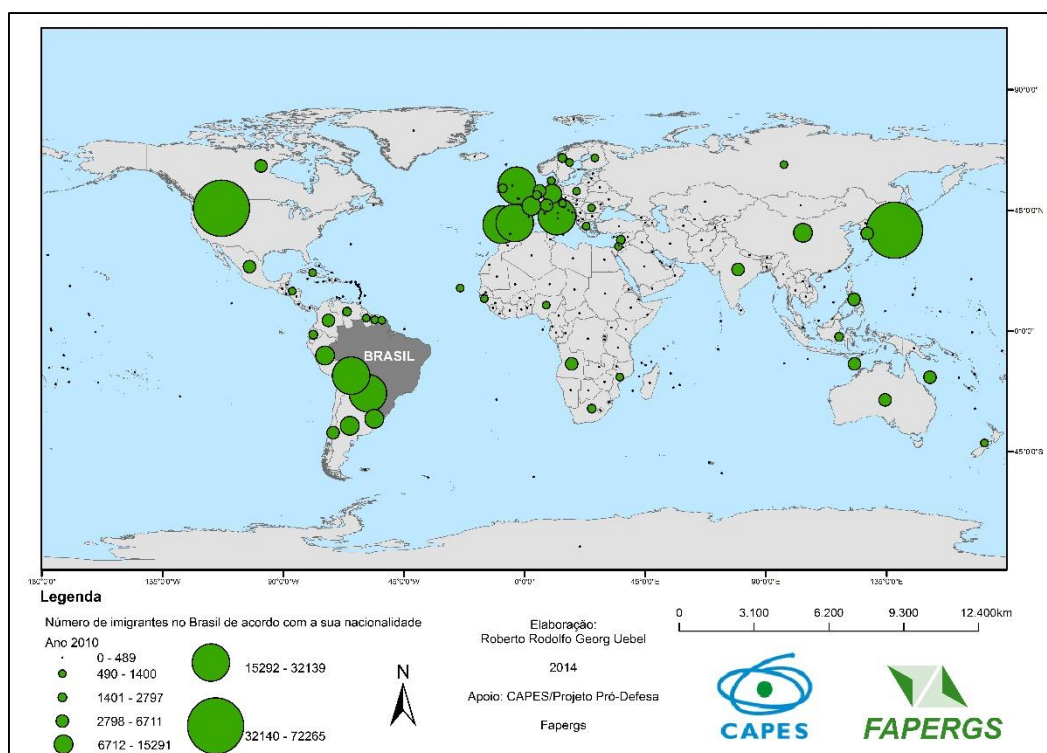
Fonte: IBGE; Departamento de Polícia Federal e Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

O que já foi elucidado anteriormente neste artigo, comprova-se com a análise do Gráfico 4: Estados Unidos e Japão mais que duplicaram o número de imigrantes no Brasil, justamente os países que mais foram afetados pela crise econômica iniciada em 2008, ocasionando aumentos sucessivos nas taxas de desemprego e recessão configurada por baixa oferta de postos de trabalho com significativa oferta de mão de obra ultraqualificada, encontrando no Brasil um cenário macroeconômico em crescimento, próspero e vacinado contra as oscilações econômicas internacionais dos grandes centros.

Faz-se alusão também ao crescimento das indústrias de petróleo, gás, mineração e de alta tecnologia, coincidentemente setores que exigem uma qualificação profissional de excelência e mão de obra especializada existente em países como Estados Unidos e Japão e também outros como Reino Unido e França, possibilitando no Brasil, portanto, uma abertura a este exército de mão de obra disponível nos dois países. A participação de imigrantes britânicos é ímpar, posto que em 2000 ocupavam a 16ª posição e em 2010 já se encontravam em sexto lugar no número de países que mais enviam imigrantes ao Brasil, também seguindo a mesma tendência dos Estados Unidos e Japão.

Outras três nacionalidades que merecem destaque são os espanhóis, portugueses e italianos, que ganharam algumas posições neste ranking, em virtude da crise econômica e social que começou a abalar a Europa Ocidental no início de 2009, com altos índices de desemprego, os já citados PIIGS; retomando a volta da imigração europeia ao Brasil – estagnada desde a década de 1960; Paraguai e Bolívia ainda possuem grande participação, se observarmos o Mapa 3, que apresenta a procedência dos imigrantes no Brasil em 2010.

**MAPA 3 –** Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Brasil no ano 2010



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Os dois vizinhos do Brasil seguem uma tendência de inserção territorial e demográfica distinta do Japão, Estados Unidos e Europa Ocidental, pois operam em um cenário de médio a longo prazo de estabelecimento e vinculação com as redes no Brasil, em especial de trabalho e instabilidade nos seus países de origem.

Ao passo em que os imigrantes norte-americanos, japoneses e europeus deveriam seguir uma tendência cíclica de expansão, estabilização e declínio da imigração ao Brasil, em observância *stricto sensu* às condições econômicas e de emprego em seus países de origem – o que mostraremos na seção a seguir e que não se concretizou esta tendência –, os imigrantes bolivianos e paraguaios inserem-se integralmente à sociedade, economia e redes de trabalho no Brasil, posto que não havia perspectivas de alteração do *status* e retorno de um cenário econômico e político habitável a estes na Bolívia e Paraguai, e ainda que muitos ingressam no Brasil de forma não autorizada e não poderiam retornar facilmente aos seus países, dadas as questões burocráticas e legais.

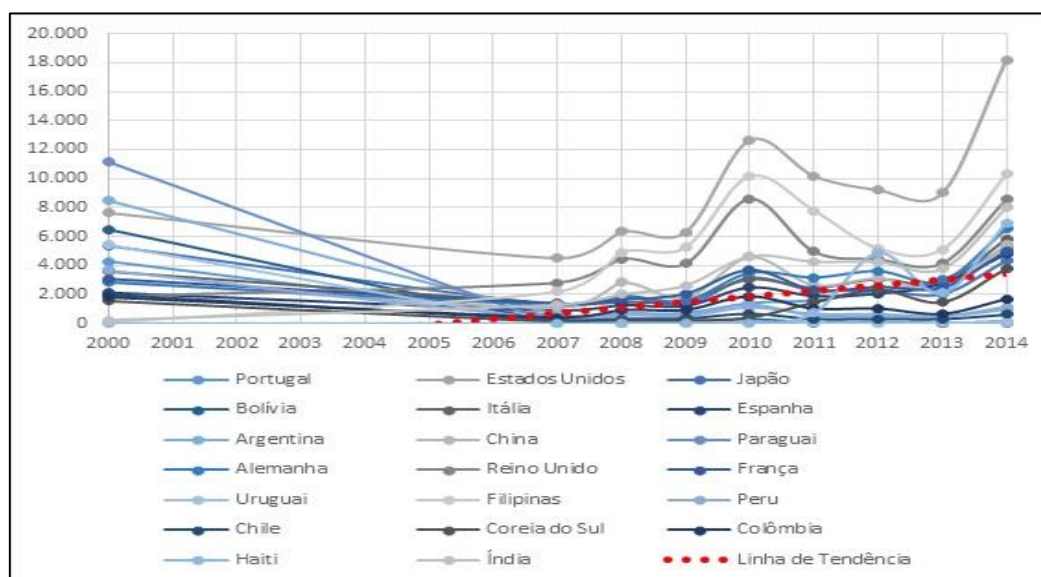
Um país que merece atenção é o Haiti, que conforme abordado anteriormente, em observância à crise civil que se acentuava no país e o terremoto concomitantes em 2010, já apresentava indícios de forte participação nos anos posteriores no perfil imigratório do Brasil, posto que em 2000 estava na 149ª posição e em 2010 na 75ª posição e passa, a partir de então, ocupar a 16ª posição, um aumento muito expressivo que começa a ser estudado atualmente pela

academia, em virtude de suas consequências econômicas e sociais à sociedade e ao Estado brasileiro.

Segundo estatísticas extraoficiais, a tendência é que a imigração haitiana, ainda não passível de classificação cíclica ou não cíclica, consolide-se nas primeiras posições de composição do perfil migratório brasileiro nos próximos anos, já que esta é a maior imigração em massa e concentrada desde a vinda dos italianos e japoneses no início do século XX.

A linha de tendência (Gráfico 5) a seguir expõe o que queremos mostrar acerca da nossa hipótese dos dois *booms* migratórios, antes de partirmos para uma análise do perfil imigratório brasileiro no biênio 2013-2014:

**GRÁFICO 5 –** Linha de tendência dos fluxos imigratórios com direção ao Brasil no século XXI



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados compilados do IBGE; Polícia Federal e Ministério do Trabalho e Emprego.

Tal linha desconstrói a hipótese de autores já consagrados de que as migrações para países não tradicionais receptores de imigrantes, como o Brasil, por exemplo, são esporádicas ou cíclicas, já que podemos perceber duas expansões – ou *booms* – num curto intervalo de tempo. Nesse sentido, a Geografia da População apresenta-se como uma importante ciência para interpretar estas rápidas transformações no território brasileiro na seara das migrações internacionais; transformações estas que são influenciadas pelo próprio cenário internacional como diz Baeninger:

Os anos 2000 denunciam que a mobilidade espacial da população no território nacional insere-se num contexto mais amplo de transformações da sociedade global em seu conjunto. Os distintos contextos históricos, econômicos, sociais, demográficos e políticos serão as heranças para as diferentes manifestações, explicações e interpretações das migrações internas no Brasil no século 21 (BAENINGER, 2013).

Percebe-se que o ano de 2010, somadas às motivações econômicas e de conflitos internacionais e atratividade econômica, social e laboral do Brasil, coloca-se como um ponto de inflexão na rede internacional das imigrações, sendo o país que mais acolhera – proporcionalmente – imigrantes naquele período de tempo, superando inclusive Estados Unidos e União Europeia:

Entre o período de 2005 e 2010, o total de imigrantes internacionais – que inclui estrangeiros e brasileiros que moraram fora e voltaram para o Brasil – foi de 268.486 pessoas, quase 87% maior ao número registrado entre 1995 e 2000 (143.644). [...] a crise econômica mundial de 2008 gerou uma complexidade maior nos eixos de deslocamento das migrações sul-americanas. Além disso, o desenvolvimento econômico e social do Brasil e o seu reposicionamento geopolítico nos últimos anos têm tornado o fenômeno migratório muito mais diverso [...] (MEKARI, 2014).

Desse modo, o entendimento dos processos migratórios internacionais contemporâneos tem suas raízes deste período assentadas na passagem para uma sociedade urbana-industrial, a partir da qual é possível compreender tipos migratórios em etapas específicas da dinâmica econômica do Brasil (BAENINGER, 2012).

A preocupação com a reconstrução histórica permite observar tipos e características dos movimentos migratórios relacionados a etapas da economia; é possível apreender a contribuição da migração como “população necessária” em determinados momentos e como “população excedente” em outros, vide-se o caso dos estadunidenses, europeus, africanos e haitianos, ambos coabitam o mesmo espaço temporal e territorial, contudo, possuem percepções diferentes pela sociedade.

Embora não se possa estabelecer uma relação linear entre tipos de movimentos migratórios e etapas da economia, até os anos 2000/2010 há simultaneidade nesses processos; a partir de então, há uma defasagem entre os processos, indicando uma maior complexidade do fenômeno migratório, em particular o *issue* migração/industrialização/crises/desemprego. A separação analítica entre essas ordens de fenômenos, no entanto, permite vislumbrar reciprocidades da dinâmica econômica sobre os processos migratórios e, por outro lado, dos movimentos migratórios com relação ao evoluir da economia.

A reconstrução histórica das migrações internas no Brasil e seus aportes teóricos estiveram até o final do século XX alicerçados nos processos internos vinculados à dinâmica econômica e penetração do capitalismo em âmbito nacional; as migrações rurais-urbanas, a industrialização, a desconcentração econômica, a reestruturação produtiva, o processo de urbanização. Todos esses fenômenos compuseram e podem explicar os processos migratórios até o final dos anos 1990.

A inserção do Brasil no cenário da economia internacional, com destaque para os anos 2000, aponta especificidades nas complementaridades regionais via migração no país; logo, entende-se que os movimentos migratórios internacionais refletem, por conseguinte, a nova ordem econômica internacional.

Ao entrarmos no século XXI, o cenário para o entendimento das migrações internacionais com direção ao Brasil se amplia, conforme observamos nas próprias representações cartográficas anteriores bem como as linhas de tendência destes fluxos internacionais; além do contexto nacional é preciso incorporar as transformações advindas da nova ordem internacional na divisão social do trabalho no mundo (HARVEY, 1992; SASSEN, 1988).

Tornam-se, por vezes, limitadas as explicações das migrações internas no país apenas pelos movimentos estruturais ou conjunturais da dinâmica da economia brasileira. A inserção periférica de espaços nacionais no âmbito da atual globalização passa a incluir dinâmicas locais ao sistema-mundo (WALLERSTEIN, 1976); a penetração e expansão do capitalismo expressa novos arranjos das migrações internas que respondem a uma lógica externa redesenhada pela divisão internacional e territorial do trabalho, ou seja, coincidente com os dois *booms* imigratórios citados.

A nova divisão internacional do trabalho oferece o eixo da reestruturação econômica, com articulações em nível internacional, nacional e local, o que requer o surgimento de novas espacialidades e o redesenho de fenômenos sociais que historicamente foram construídos no âmbito nacional (SASSEN, 2007). O sistema de cidades em nível nacional e suas conexões com a uma hierarquia urbana internacional traz reflexos para a escala nacional no que se refere às migrações internacionais como aponta Sassen (1988); o que procura acrescentar-se é que – em se considerando os diferentes níveis escalares – parte das migrações para Brasil se vinculam às transformações em âmbito global e constantemente.

Assim, o tema das migrações internacionais para o Brasil adquire importância crescente nos estudos de população no século XXI. De um lado, as migrações de longa distância redesenham seus trajetos e seus significados; de outro lado, as dinâmicas regionais passaram a imprimir especificidades às migrações urbanas-urbanas destes imigrantes internacionais.

Observar-se-á, portanto, que o deslanchar dos processos migratórios recentes – para o biênio 2013/2014 na próxima seção, particularmente – tem suas raízes de transformações desde os anos 1980, consoante abordado no início deste artigo, quando as clássicas interpretações da migração ancorada somente no desempenho econômico das áreas alcançaram seus limites.

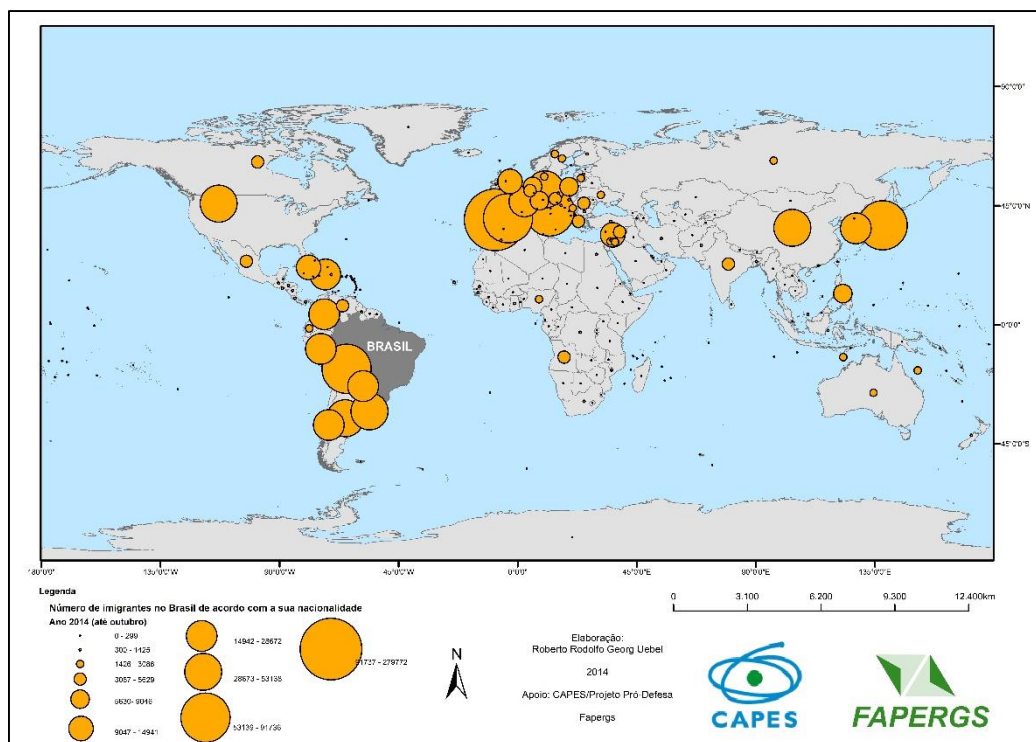
Os processos migratórios nacionais, imersos em um novo contexto socioeconômico e urbano nacional e global, imprimem espaços da migração marcados por diferentes “condições migratórias”: áreas de retenção de população, áreas de perdas migratórias e áreas de rotatividade migratória (BAENINGER, 2013), o que ficará bem claro na análise a seguir dos fluxos migratórios para o Brasil nos últimos dois anos (2013 e 2014).

### **3. Perfil migratório do Brasil no Biênio 2013-2014: o novo *Boom* Migratório e o país das novas migrações**

Se o ano de 2010, conforme apontamos na seção anterior, já apresentava um *boom* migratório e indicava um aumento expressivo dos fluxos migratórios em direção ao Brasil, o biênio 2013-2014 (com os dados até outubro deste último ano) registra o maior ingresso e estoque de imigrantes desde a década de 1930 e é só menor que o maior fluxo da história brasileira, que compreende o período de 1870-1930 – as décadas das grandes imigrações, de alemães, italianos e japoneses em sua maioria – com 2,5 milhões de imigrantes à época (BRITO, 2014); em 2013 ingressaram 65.654 imigrantes, até outubro de 2014 chegaram 1,13 milhões de imigrantes – número que ultrapassa o somatório dos últimos dez anos – e o estoque atual de imigrantes no Brasil é de 1,9 milhões de imigrantes, população maior que 90% das capitais brasileiras.

Portanto, o panorama migratório contemporâneo do Brasil é este: os imigrantes representam já 1% da população total do Brasil, maior cifra desde o período colonial brasileiro que remonta aos séculos XVI a XVIII. Cifras grandes representam também panoramas ampliados e uma reconfiguração dos grupos migratórios que chegam ao Brasil na última década, conforme podemos observar no Mapa 4 as procedências dos imigrantes no ano de 2014.

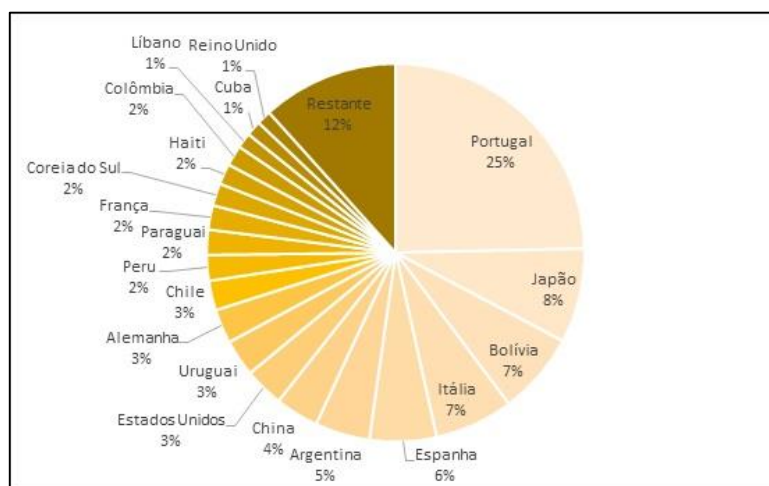
**MAPA 4 –** Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Brasil no ano 2014 (até outubro)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Se até 2010 as nacionalidades que representavam os maiores contingentes imigratórios no Brasil eram aquelas que provinham de países em crise econômica ou instabilidade social e laboral, a situação em 2014 tem uma representação gráfica (Gráfico 6) distinta e desafiadora à análise geográfica-estatística:

**GRÁFICO 6 –** Representação percentual dos maiores grupos imigratórios no Brasil no ano de 2014



Fonte: Polícia Federal e Ministério do Trabalho e Emprego – Dados compilados e tabulados pelo autor.

A interpretação que se faz acerca da queda de posições das nacionalidades é agrupada e leva em consideração o cenário internacional e suas mudanças políticas e econômicas nos últimos



anos. Por exemplo, a queda de posições – mas não no número de imigrantes em relação aos outros anos – de imigrantes de nacionalidade estadunidense e britânica deve-se ao fato da recuperação econômica e dos índices de emprego e crescimento verificados naqueles países após o ano 2010, ainda embora que estes fluxos se mostrem estáveis para o Brasil.

Novamente os imigrantes de nacionalidade portuguesa, italiana e espanhola chamam a atenção, ao somarem 38% do número total do estoque de imigrantes nestes dois últimos anos, em uma situação contrária aos britânicos e norte-americanos, por exemplo, já que estes três países, pertencentes aos PIIGS – o número de gregos e irlandeses também subiu de posições entre 2010 e 2014 – apresentaram uma piora nos quadros de desemprego – principalmente entre jovens – que levaram a *mass migration* em direção a países como o Brasil e Argentina.<sup>6</sup>

Outros grupos tradicionais de imigrantes, como bolivianos e japoneses, também teve um aumento na composição imigratória do Brasil para o biênio em análise. No caso dos bolivianos, deve-se ao fato da implantação de acordos de cooperação nas matérias de imigração e trabalho entre o Brasil e a Bolívia, país este que embora apresente um crescimento econômico maior que o Brasil, ainda não consegue responder à sua demanda interna por emprego, exportando imigrantes para seus vizinhos, Brasil, Argentina e Paraguai, sendo que o Brasil lidera neste ranking. (UEBEL, 2015).

Já no caso da nacionalidade japonesa, a explicação do aumento considerável de imigrados se deve ao fato do retorno daqueles que haviam emigrado para o Japão até o início da crise econômica internacional, coincidente também com o terremoto de 2011 que atingiu boa parte do território japonês; portanto, não se pode destacar também as *motivações ambientais*<sup>7</sup> para o aumento da imigração japonesa – no caso, uma remigração.

Destarte, destacamos nesta nova configuração imigratória do Brasil para o biênio em análise, o crescimento considerável dos novos fluxos, entre eles, de haitianos, libaneses, colombianos, cubanos – apesar do programa de *importação* de profissionais de saúde cubanos do governo brasileiro aumentar a população desta nacionalidade no Brasil, o número de imigrantes de lá também cresceu nos últimos quatro anos, em virtude do afrouxamento das leis imigratórias de Cuba no governo de Raul Castro –, filipinos, indianos, angolanos, nigerianos, senegaleses,

---

<sup>6</sup> No intervalo dos últimos dez anos, o número de imigrantes que obtiveram visto de residência permanente na Argentina aumentou 660%, segundo dados da Diretoria Nacional de Migrações. Em 2004, foram menos de 18 mil. Em 2013, o número superou 138 mil. No período, cerca de 807 mil imigrantes conseguiram o papel, com o qual podem trabalhar legalmente e ter acesso aos benefícios sociais. Em um país com 40,1 milhões de habitantes, isso representa 2% da população.

<sup>7</sup> Há um grande debate contemporâneo na academia sobre até que ponto as intempéries ambientais, ecológicas e a força da natureza podem ser consideradas como uma motivação para emigrar ou solicitar refúgio em outro país. Afim de tomarmos um posicionamento nesta pesquisa, defendemos que tais motivações oriundas do meio ambiente e da natureza podem sim ser consideradas como uma arguição para emigrar ou para o refúgio. As obras *Climate change, environmental degradation and migration*, de Karoline Popp (2012), e *Migration and climate change*, de Oli Brown (2008), são referência nas temáticas de imigrações ambientais.

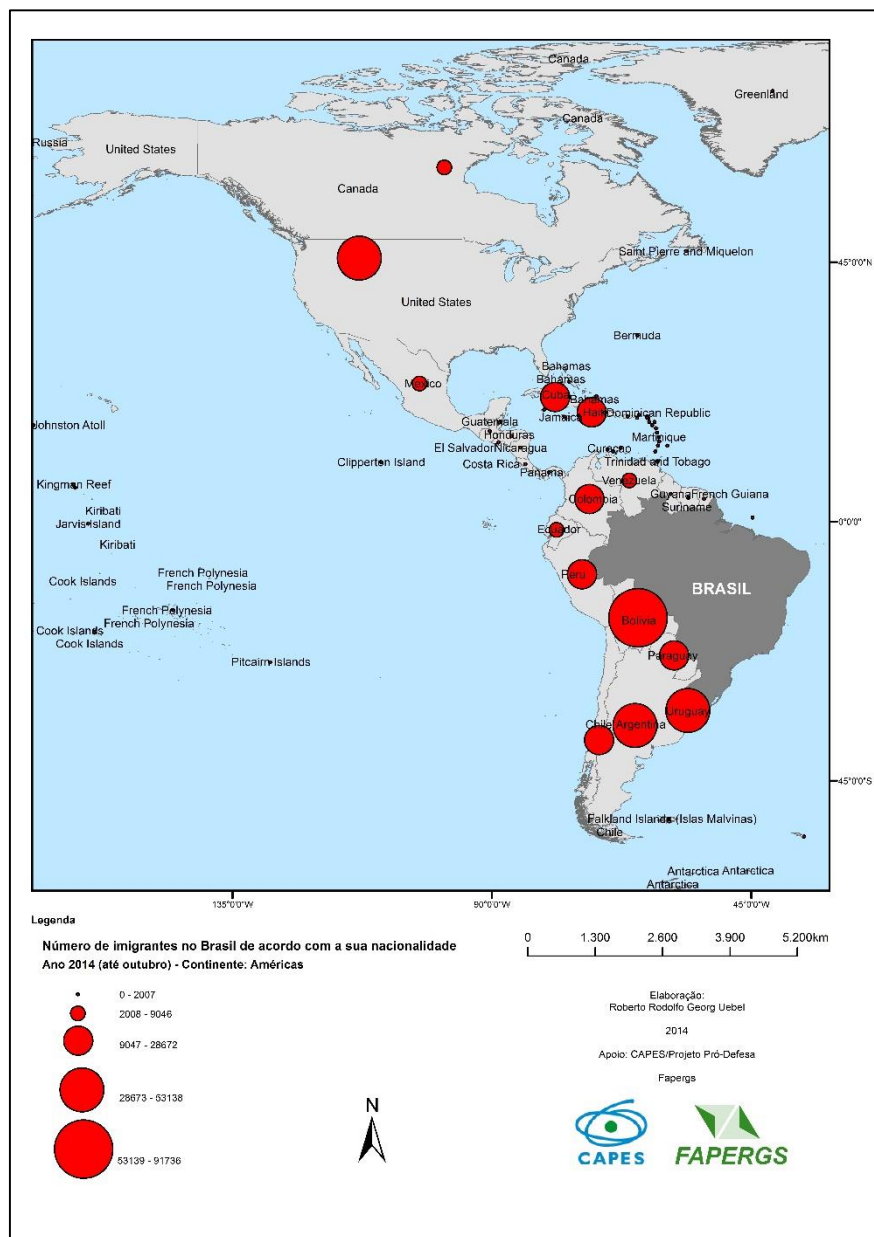
sírios e outras nacionalidades não tradicionais, que antes emigravam para países da União Europeia, Austrália e Nova Zelândia e também Estados Unidos.

Assim, este biênio configura e consolida o Brasil no cenário internacional como um receptor de todos os grupos imigratórios principais, que antes eram exclusivos aos países do Hemisfério Norte, conforme já citado, e caracteriza-o como o polo mais atrativo de imigração da década, a frente de nações mais ricas como Austrália, Nova Zelândia e Canadá. Das 203 nacionalidades aferidas, apenas nove países de pequena expressão não têm imigrantes em território brasileiro; em 2000 eram 63 nacionalidades não representadas e em 2010 eram 23.

Este segundo *boom* imigratório surpreende pelo fato de ser exponencialmente maior que não apenas aos tradicionais receptores de imigrantes, mas também aos próprios indicadores e recordes brasileiros e por atrair 91% de todas as nacionalidades, não restringindo-se apenas a uma região geográfica ou concentração continental.

Nos mapas a seguir, destacamos por continente quais as nacionalidades que mais possuem imigrantes no Brasil.

**MAPA 5** – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Brasil provenientes do continente americano e Caribe



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

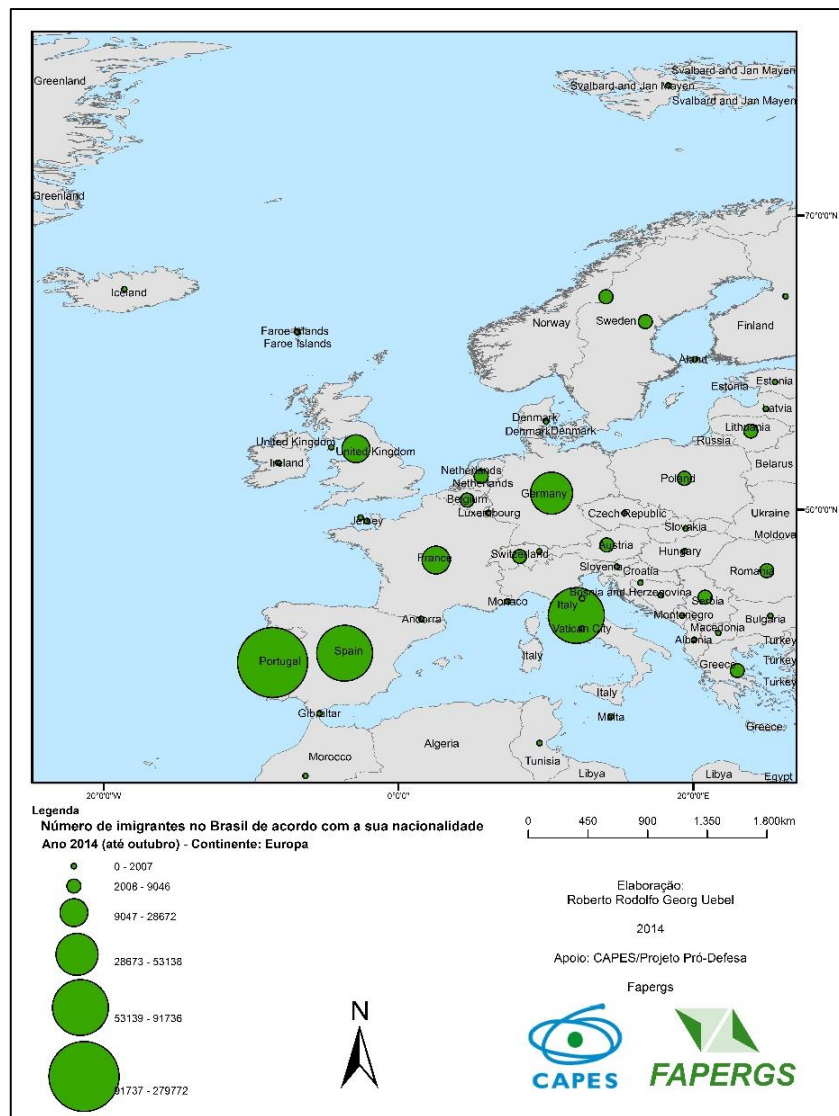
No Mapa 5, observamos que os grupos migratórios mais presentes no Brasil de origem do continente americano são os bolivianos, argentinos, uruguaios, haitianos, cubanos e estadunidenses, ao passo que os de origem centro-americana e caribenha destinam-se em sua maior parte aos outros dois *polos de atração imigratória* do grande continente: Estados Unidos e México.

Conforme já citado anteriormente, o Brasil atrai estes fluxos em quatro diferentes grupos que assim interpretamos, de acordo com estas motivações: Grupo 1 (bolivianos) em virtude das instabilidades econômicas, laborais e sociais vividas naquele país, além do emprego destes em

confeções e indústrias de mão de obra barata no Brasil (muitas vezes sob forma de trabalho escravo e ilegal – não autorizado); Grupo 2 (argentinos, uruguaios e em menor proporção os andinos – chilenos, peruanos e colombianos): imigram para o Brasil como consequência da atratividade econômica do país exclusivamente nas áreas de indústria, finanças e ensino, ou seja, uma mão de obra mais qualificada, combinada com o desempenho econômico fraco aliado aos baixos índices de emprego naqueles países; Grupo 3 (haitianos e cubanos): a hipótese que aceitamos é que dada a inserção do Brasil nestes dois países e *propaganda* e atuação do país por meio de sua Missão de Paz no Haiti e do Programa Mais Médicos com a contratação de profissionais de saúde cubanos, o país tornou-se uma atração alternativa aos destinos tradicionais destes imigrantes, antes o México e os Estados Unidos, aliada a uma *rede* de imigração consolidada por parte dos haitianos e afrouxamento das leis emigratórias de Cuba; Grupo 4 (estadunidenses): apesar de ainda constituírem um considerável contingente imigratório no Brasil – e estarem fortemente representados no Mapa 8 – este grupo vem diminuindo sua presença em relação aos demais fluxos, em virtude da recuperação econômica e consequente retomada da criação de empregos nos Estados Unidos, arguindo um dos principais processos de remigração da história brasileira-norte-americana.

No Mapa 6 temos a proporção dos imigrantes em território brasileiro de acordo com sua origem do continente europeu:

**MAPA 6 –** Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Brasil provenientes da Europa



Fonte: Elaborado pelo autor.

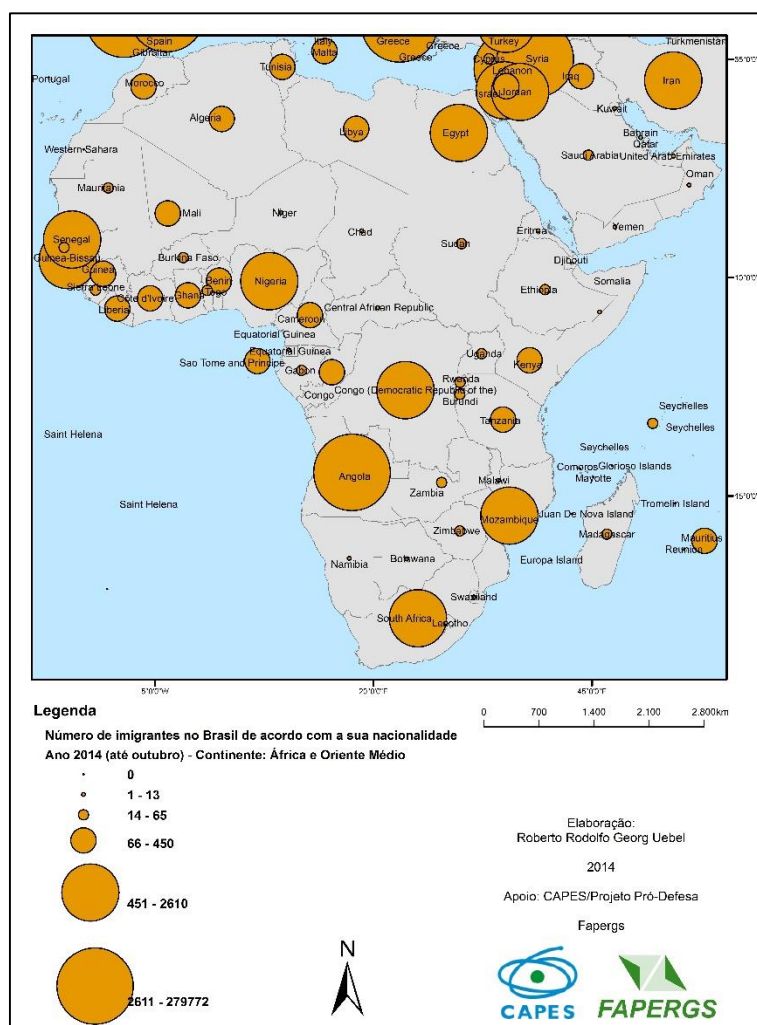
Os imigrantes de origem europeia no Brasil continuam representando um estoque populacional ativo e considerável, principalmente se observarmos os dos países que mais sofreram com a última crise econômica e laboral europeia: Portugal, Espanha e Itália e em menor parte os de origem francesa, alemã e britânica, além dos cipriotas. Como a crise europeia ainda está em andamento, acredita-se que estes fluxos citados continuem até o momento em que a situação econômica e laboral brasileira atingir o seu ponto ótimo ou de inflexão, isto é, o momento em que retornar à Europa tornar-se-á mais barato e lucrativo do que permanecer trabalhando no Brasil.

Outro ponto interessante dos fluxos migratórios provenientes do continente europeu, é o fato de que o Brasil não absorveu ou atraiu os grupos de imigrantes do leste europeu, que continuam emigrando em massa para a o *core* da União Europeia, ou seja, Alemanha, França e

Grã-Bretanha. Contudo, os imigrantes de origem ucraniana parecem repetir os fluxos após a Guerra da Crimeia em direção ao Brasil: os fluxos de ucranianos com direção ao Brasil aumentaram consideravelmente após as tensões entre Kiev e Moscou no início de 2014.

Mapa 7 apresenta a origem e potencialidades dos fluxos migratórios de africanos e de origem do Oriente Médio:

**MAPA 7** – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Brasil provenientes da África e Médio Oriente



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se afirmar que a África se apresenta, pelo menos nas duas últimas décadas, como o principal polo emissor de imigrantes para o Brasil em uma proporção de crescimento em relação aos demais continentes. Também é um continente que apresenta situações opostas e questionadoras acerca da origem dos imigrantes.

À exceção de Moçambique e da África do Sul, os países que mais enviam imigrantes para o Brasil no continente africano são os da costa oeste, isto é, aqueles voltados para o Atlântico e

que tradicionalmente emigram para a União Europeia e em cifras menores para os Estados Unidos e Canadá.

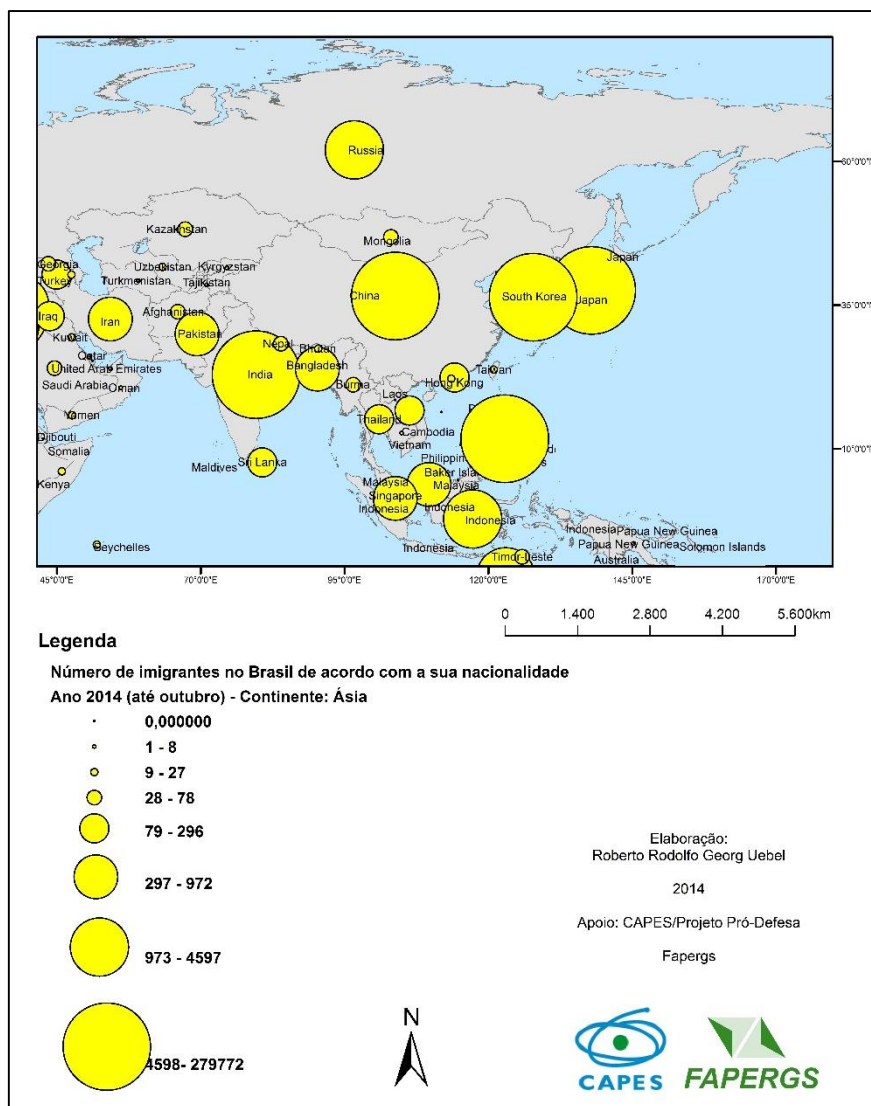
Além da proximidade linguística entre o Brasil e os países da costa oeste africana – onde em sua maioria se fala o português e o francês –, o que justifica este crescimento dos fluxos imigratórios de africanos é a formação das *redes* – facilitadas pelas ligações aéreas diretas com o Brasil – de contatos entre os próprios imigrantes, em grande parte com formação superior, conhecimento de mais de duas línguas, profissionais liberais e que buscam no Brasil um *mix* de atividade laboral com todas as garantias legais – uma situação raramente verificada em seus países de origem – além de oportunidade de ensino gratuito e ponto de partida para outros países posteriormente, como Estados Unidos e Canadá.

Portanto, pensamos que o termo para definir esta imigração em massa de africanos, ainda que seja numericamente menor que a de outras nacionalidades americanas e europeias, e o que discutiremos mais adiante acerca da sua visibilidade e xenofobia, é o *Brazilian dream*, ou seja, o sonho, objetivação de alcançarem condições laborais melhores aliadas ao crescimento pessoal acadêmico e estabilidade financeira, embora muitos exerçam atividades informais como camelôs, por exemplo, grande parte está empregada em indústrias pesadas, comércio, serviços e até mesmo sendo contratados por pequenos empreendedores.

Para finalizarmos antes de realizarmos a análise do Mapa 8 dos fluxos de asiáticos, ressaltamos que a migração de cidadãos do Oriente Médio obedece majoritariamente uma migração forçada, em muitos casos, o refúgio, em virtude da instabilidade geral naqueles países, tais como Palestina, Síria, Egito, Irã e Líbano, Estados cujos nacionais já estão integrados à sociedade brasileira, com grandes comunidades nos estados do Sul e Sudeste, tendo, provavelmente, o crescimento de tais fluxos nos últimos anos justificado pelo aumento dos conflitos no Médio Oriente, ou seja, uma correlação direta: aumento dos conflitos e instabilidade aumento das migrações pra o Brasil e países vizinhos.

Já o Mapa 8 apresenta algumas curiosidades e pontualidades interessantes acerca das migrações de asiáticos para o Brasil – migrações estas que já foram em massa no século XX, como a de chineses e japoneses:

**MAPA 8 –** Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Brasil provenientes da Ásia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os imigrantes asiáticos, assim como os africanos, apresentam-se como uma grande *surpresa* quando da análise das estatísticas de imigração recente para o Brasil. Além da China e Japão, tradicionais emissores de imigrantes para o país e com dezenas de comunidades espalhadas pelo território brasileiro, tais como a *Chinatown* e colônias japonesas [no estado do Paraná, Ivoti (Rio Grande do Sul), Bairro da Liberdade (no município de São Paulo), etc.], novas nacionalidades chamam a atenção quando da análise deste mapa do novo perfil migratório brasileiro: indianos, bengalis, filipinos, malaios, indonésios e sul-coreanos.

Tais migrações substituem novamente os receptores tradicionais, no caso, Japão, Cingapura, Austrália e Nova Zelândia, pelo Brasil, apesar do país estar a milhares de quilômetros de distância. O que explica este fenômeno é o que a literatura contemporânea vem apresentando como uma oportunidade de emprego de mão de obra semiquificada, como no caso destes países, em economias em desenvolvimento, ou seja, no Brasil, já que as economias semelhantes,



como do próprio BRICS, já esgotaram tais postos de trabalho ou preferenciam seus próprios nacionais.

Além disto, outro ponto em comum com as migrações dos africanos para o Brasil, está representado nas garantias e leis trabalhistas e previdenciárias do país, se tornando um dos principais atrativos a estes imigrantes, além também da maior facilidade de inserção destes no Brasil em comparação ao Canadá, Austrália e outros, que exigem maiores requisitos no processo de imigração legal, portanto, não é raro a imprensa brasileira noticiar casos de imigração não autorizada de nacionais asiáticos, como no caso dos chineses:

Seis chineses foram presos quando tentavam entrar ilegalmente no Brasil. Eles atravessaram de barco o Rio Uruguai – que liga Paso de Los Libres, na Argentina, a Uruguiana, na fronteira oeste gaúcha – e foram pegos próximo à margem brasileira [...]. De acordo com a Polícia Federal, os estrangeiros não portavam visto de entrada no Brasil nem na Argentina e nos passaportes havia o registro de passagem pelos Emirados Árabes. Além de pagar multa no valor de R\$ 165, o grupo terá um prazo de três dias para deixar o país (BACELO, 2012).

E também dos bengalis:

A Polícia Rodoviária Estadual localizou um grupo de imigrantes ilegais [...] no Paraná. Eles estavam em um ônibus que seguia para Cruzeiro do Oeste (25 km a leste de Umuarama). De acordo com a PRE, os 11 homens são de Bangladesh e não têm permissão para permanecer no Brasil. Todos portavam passaporte e visto boliviano. [...] Durante a ocorrência, um imigrante legalizado de Bangladesh compareceu ao Posto de Polícia Rodoviária de Iporã, Ele seria o facilitador da entrada dos estrangeiros no país e seria o responsável por levar os imigrantes até Cruzeiro do Oeste (ANDRADE, 2013).

A própria inserção do Brasil por meio dos BRICS no continente asiático justifica o número considerável de indianos, chineses e russos que emigraram para cá nas últimas duas décadas, ou seja, uma hipótese que não pode se descartar é os BRICS como um mecanismo *subjetivo* de fomento às migrações dentre do próprio bloco, já que é elevado o número de brasileiros que migram para os países partícipes deste bloco, em especial à China e Rússia<sup>8</sup>.

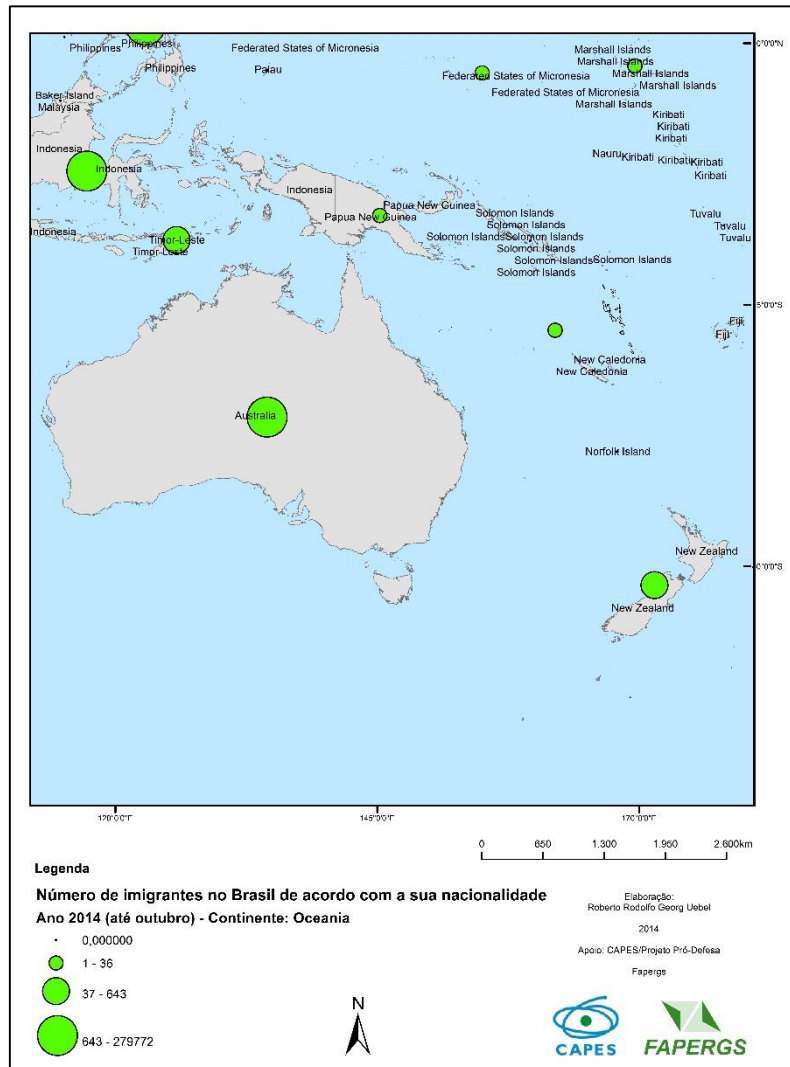
O que também é interessante observar que a maioria destes imigrantes asiáticos segue um padrão para ingressar no Brasil: utilizam-se de vias não tradicionais ou não diretas, como pelos Emirados Árabes ou pelo Peru, ingressam por fronteiras fluviais, são apreendidos e solicitam refúgio, o que normalmente é concedido. Seriam o que definimos como *refugiados econômicos* ou *refugiados laborais*.

---

<sup>8</sup> Embora o surgimento do termo BRICS e da própria proto-integração entre seus membros seja recente, os fluxos migratórios entre os países do bloco aumentaram na última década em virtude da facilitação de acesso a estes países (isenção de vistos de curta-duração ou estudos, flexibilização na emissão de vistos de trabalho, aproveitamento e acordos de seguridade social e previdência, etc.). Nesse sentido, trata-se de uma hipótese não descartada que merece um estudo científico aprofundado futuramente.

Por fim, o Mapa 9 apresenta a procedência dos imigrantes da Oceania, continente com menor participação no envio de cidadãos ao Brasil:

**MAPA 9** – Mapa de nacionalidade dos imigrantes no Brasil provenientes da Oceania.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Austrália e Nova Zelândia apresentam-se, se comparado a um panorama global, como inexpressivos emissores de imigrantes para o Brasil, em virtude de serem polos naturais de atração de imigrantes, dentre eles, os próprios brasileiros.

Portanto, o número de imigrantes destes países reflete-se na ocupação de postos de trabalho que exigem mão de obra qualificada, principalmente na indústria, universidades e multinacionais, além de que muitos possuem dupla-nacionalidade, o que levar-nos-ia à inferência de que são brasileiros retornados, hipótese já levantada por Irigaray; Freitas e Filardi (2013).

## Conclusões

Diferentemente dos fluxos imigratórios do século XIX e princípio do século XX, em que os imigrantes originários do hemisfério norte eram desejados porque tinham a função de “ocupar” territórios, na contemporaneidade, o incremento da chegada de imigrantes provenientes da Ásia, América Latina, Caribe e África comporta uma ambivalência.

Por um lado, porque coloca o Brasil na arena geopolítica dos países receptores de fluxos imigratórios. Assim como os americanos, com os mexicanos e centro-americanos; os argentinos, com os bolivianos; e os franceses, com os africanos – até a década passada –, o Brasil insere-se nesta seara.

Essa imigração inesperada e a crise dos dois grandes modelos de integração dos imigrantes no ocidente — o assimilacionismo francês, inspirado na fórmula republicana tradicional; e o modelo multicultural dos países anglo-saxões — provocam sensibilidades no trato governamental e da gestão pública na questão imigratória no nosso biênio em análise.

No caso brasileiro, a progressiva presença de imigrantes no país neste início de século XXI inicia a exigência um modelo próprio e criativo que se desmarque das posturas repressivas que reduzem a imigração a um fenômeno jurídico ou policial susceptível de repressão ou medo. E fujam de uma representação *ingênua* humanista que simplifique a situação, já que comprovadamente centenas de imigrantes, como bolivianos, haitianos e senegaleses, encontram-se em situação análoga a de escravidão em boa parte do país.

Em suma, a presente pesquisa levou-nos à conclusão de que o Brasil está inserido numa nova seara das migrações internacionais, exigindo-se tanto da academia como por parte da esfera da Gestão Pública um debate maior acerca do que pode ser feito para a positiva inserção destes imigrantes, afim de que se evitem e combatam-se os males do trabalho escravo, preconceito e xenofobia, já que tanto o país como o estado foram construídos majoritariamente por imigrantes.

Inferiu-se, portanto, que independente da origem nacional e étnica dos imigrantes estudados ao longo desta pesquisa, seus objetivos, anseios e rotas levam apenas a um ponto em comum: o bem-estar social destes e seus familiares correlacionados com o desenvolvimento sociocultural e crescimento econômico dos locais que lhes receberam, empregaram e acolheram.

As relações oriundas das imigrações são, neste escopo analisado, recíprocas, positivas e enriquecedoras para ambos, imigrantes e sociedade, apesar das pontualidades negativas ainda preponderantes, tais como a xenofobia e racismo, e que devem ser combatidas, pelo bem do desenvolvimento comum e coletivo do país vis-à-vis suas ambições de inserção estratégica como um *regional power*.

## Referências

- ANDRADE, L. E. Polícia flagra imigrantes ilegais de Bangladesh no Paraná. **Jornal Bonde**, Londrina, PR, 2013. Disponível em: <[http://www.bonde.com.br/?id\\_bonde=1-3--426-20130511](http://www.bonde.com.br/?id_bonde=1-3--426-20130511)>. Acesso em: 13 dez. 2014.
- BACELO, J. Seis chineses são presos em Uruguaiana ao tentar entrar ilegalmente no país. **Jornal ZH**, Porto Alegre, RS, 2012. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2012/10/seis-chineses-sao-presos-em-uruguaiana-ao-tentar-entrar-ilegalmente-no-pais-3924822.html>>. Acesso em: 15 nov. 2014.
- BACHA, E. L.; KLEIN, H. S. **Social change in Brazil: 1945-1985 the incomplete transition**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1989. 346p.
- BAENINGER, R. Migrações internas no Brasil no século 21: entre o local e o global. In: \_\_\_\_\_; DEDECCA, C. S. (Org.). **Processos migratórios no Estado de São Paulo: estudos temáticos**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2013. p. 193-214. (Por Dentro do Estado de São Paulo, v. 10).
- \_\_\_\_\_. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2012. 146p.
- BÁRBARA, M. S. Brasiguaios: território e jogos de identidades. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2005. p. 333-346.
- BRITO, G. Fluxos migratórios recentes já somam novos traços a São Paulo. **Jornal Rede Brasil Atual**, 2014. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/01/fluxos-migratorios-recentes-ja-somam-novos-tracos-a-sao-paulo-2184.html>>. Acesso em: 12 nov. 2014.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, SP: Loyola, 1992. 349p.
- HATTON, T. J.; WILLIAMSON, J. G. **The age of mass migration: causes and economic impact**. New York, NY: Oxford University Press, 1998. 301p.
- IRIGARAY, H. A. R.; FREITAS, M. E.; FILARDI, F. Diáspora brasileira e os trabalhadores retornados do exterior: quando a fantasia encontra a realidade. In: ENCONTRO DA ANPAD, 37., 2013, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: Anpad, 2013. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod\\_edicao\\_subsecao=966&cod\\_evento\\_edicao=68&cod\\_edicao\\_trabalho=16370](http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod_edicao_subsecao=966&cod_evento_edicao=68&cod_edicao_trabalho=16370)>. Acesso em: 15 nov. 2014.
- MEKARI, D. Observatório pretende estudar a crescente migração ao Brasil. **Portal Aprendiz**, São Paulo, SP, 2014. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2014/01/09/observatorio-pretende-estudar-a-crescente-migracao-ao-brasil/>>. Acesso em: 12 nov. 2014.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Perfil migratório do Brasil 2009**. Genebra, 2009. 148p. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/trab\\_estrang/perfil\\_migratorio\\_2009.pdf](http://www.mte.gov.br/trab_estrang/perfil_migratorio_2009.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2014.
- RANINCHESKI, S. M.; UEBEL, R. R. G. La acción del Estado brasileño en relación a los migrantes bolivianos en Brasil: la cuestión del trabajo (in)documentado, refugio e inmigración económica. **Revista de Estudios Transfronterizos: Si Somos Americanos**, Santiago, Chile, v. 14, n. 2, p. 47-79, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4067/S0719-09482014000200003>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

ROSIÈRE, S. **Géographie politique et géopolitique**: une grammaire de l'espace politique. 2.ed. Paris: Ellipses, 2007. 426p.

SANTOS, M. A. et al. Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. **Texto para Discussão 398**, Belo Horizonte, MG, Cedeplar, 2010. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD 398.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20398.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2014.

SASSEN, Saskia. **A sociology of globalization**. Nova York, NY: W.W. Norton, 2007. 308p.

\_\_\_\_\_. **The mobility of labor and capital**: a study in international investment and labor flow. Nova York, NY: Cambridge University Press, 1988. 224p.

UEBEL, R. R. G. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI**: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa. 2015. 248f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/117357>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

WALLERSTEIN, I. A world-system perspective on the social sciences. **The British Journal of Sociology**, London, v. 27, n. 3, p. 343-352, 1976. Disponível em: <<http://www-jstor-org.ez45.periodicos.capes.gov.br/stable/589620>>. Acesso em: 12 nov. 2014.